



## APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ: CONIÇÃO E CORPOREIDADE

DOI:<https://doi.org/10.4013/con.2025.213.cc>

Giovanni Rolla - Professor Doutor na Universidade Federal da Bahia. Membro fundador dos grupos de pesquisa interinstitucionais Enactive Cognition & Narrative Practices (Wollongong-AUS) e Cognição, Linguagem, Enativismo e Afetividade (Brasil) e secretário adjunto da Sociedade Brasileira de Filosofia Analítica (gestão 2023-2024).

[rollagiovanni@gmail.com](mailto:rollagiovanni@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-3865-3897>

A partir de meados do século XIX, o desenvolvimento das Ciências Cognitivas — isto é, o conjunto de disciplinas que estuda empiricamente a cognição e seus mecanismos — suscitou reflexões filosóficas próprias. Nas últimas décadas, a aproximação entre Filosofia e Ciências Cognitivas foi explicitada a partir da mudança de concepção científica dominante, o chamado cognitivismo clássico, ensejando a abertura para concepções pós-cognitivistas. Uma das marcas filosóficas nessa mudança científica foi o resgate da noção de corporeidade (ou corporificação), que, inobstante seu destaque no pragmatismo americano com o trabalho de autores como John Dewey, bem como em algumas vertentes fenomenológicas, sobretudo na obra de Merleau-Ponty; havia sido precocemente descartada sob a influência que a filosofia analítica (então em pleno giro linguístico) exerceu no pensamento científico anglo-saxão de meados do século passado. As abordagens pós-cognitivistas que surgiram daquela mudança teórica enfatizam o papel da corporificação na cognição — seja como fator causalmente

relevante para processos cognitivos, ou como fator constitutivo da cognição ela mesma. Alguns autores propõem concepções mais radicais, como repensar o que se pensava ser locus da cognição, não sendo este o cérebro, mas a própria dinâmica entre organismo e ambiente. Esse cenário suscita revisitar criticamente antigos problemas filosóficos, como as relações mente-mundo ou mente-corpo, e suscita novos problemas até então pouco explorados nas tradições dominantes, como a continuidade entre vida e mente, a relação entre direcionamento biológico e intencionalidade ou a emergência de competências simbólicas a partir da manipulação e modificação de artefatos materiais.

É nesse contexto que a revista Controvérsia lança o dossiê sobre Cognição e Corporeidade, com o objetivo de fomentar o debate nacional sobre questões filosóficas relacionadas à cognição corporificada e suas subdivisões, como enativismo e psicologia ecológica. Os artigos que compõem este dossiê muito fortuitamente exploram essas temáticas e suas questões.

Em “Cognição radicalmente corporificada: um mapeamento”, Rolla e Santos apresentam um mapeamento das influências e conexões conceituais da cognição radicalmente corporificada, uma vertente antirrepresentacionalista da cognição corporificada.

Em “Living is a teleologically-constituted mode of being: revisiting the deep continuity between life and mind”, Diello Huffermann explora a concepção enativa de vida e suas restrições, argumentando pela possibilidade de instanciação de agência e produção de sentido em sistemas auto-organizados não-biológicos.

Gadelha Greco, em “Abstraction as methodology: Chomsky and the theoretical boundaries of embodied cognition”, resgata Chomsky, um interlocutor clássico da cognição corporificada e talvez o maior nome do cognitivismo clássico, para examinar como seus posicionamentos podem fomentar o debate contemporâneo. Uma das concepções ontológicas presentes no debate sobre corporificação é o dualismo de propriedades, que é aproximado ao emergentismo defendido por muitos teóricos da corporificação.

Em “Quem joga o jogo? Da dimensão corporificada de *spielen* e da variedade normativa de habilidades”, Pennycook e Silva revisitam a concepção wittgensteiniana de jogos de linguagem com diferentes metáforas de jogo, contra uma concepção intelectualista, individualista e descorporificada de cognição.

No artigo “David Chalmers' Error: Why is property dualism wrong?”, Serrado critica a influente posição de Chalmers sobre o assunto. A cognição corporificada, na medida em que rejeita certos dogmas do cognitivismo clássico—como a separação radical entre corpo e mundo — permite uma aproximação com alguns aspectos da cosmologia indígena, o que Valim explora em Cognição e corporeidade no

pensamento indígena: uma reflexão com a ótica enativista, um tema que até então viu pouquíssimo desenvolvimento na nossa literatura filosófica.

No artigo “The Limits of Common Sense: A Naturalistic Critique of the Common Sense in the Philosophy of Consciousness”, Machado Barcellos critica o uso de experimentos mentais como evidência nas discussões filosóficas sobre consciência, defendendo um uso restrito do senso comum em argumentações dessa natureza.

Pelliza, em “A ‘educação dos sentidos’ em Bergson: uma leitura bergsoniana da descontinuidade em Hume” à luz das ciências da cognição, relaciona a questão da continuidade e da descontinuidade perceptual nas Ciências Cognitivas às obras de Hume e Bergson, explicitando as diferenças teóricas entre esses autores.

Por fim, Melquíades de Andrade Jr. oferece uma resenha crítica do livro *A Mente Enativa*, livro de Giovanni Rolla, que traz os desdobramentos mais recentes do enativismo à literatura filosófica nacional.

Desejamos a todos uma excelente leitura!